



## CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA E DISCURSO LITERÁRIO EM A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA

Patrícia Medeiros de Oliveira<sup>1</sup>  
Carla Luzia Carneiro Borges<sup>2</sup>

**RESUMO:** *Esse trabalho tem como objeto de estudo os modos de construção da identidade na obra A morte e a morte de Quincas Berro D'água de Jorge Amado. A análise explícita como a formação identitária, nessa narrativa, é vista como consequência de pressões e convenções sociais. Por ser uma importante fonte de divulgação ou contestação ideológica, a literatura assume papel de destaque quando se trata de processos de formação do sujeito. Assim sendo, tal pesquisa procurou mostrar, sobretudo, a heterogeneidade e mutabilidade identitárias do personagem principal dessa obra, mostrando-as como práticas discursivas constituídas socialmente.*

**Palavras-chave:** Análise do discurso; Formação identitária; Quincas Berro D'água

### APRESENTAÇÃO

A concepção de identidade está intimamente ligada à caracterização externa que se faz do sujeito, no entanto, além da imagem social que se constroi, a percepção sobre si mesmo, bem como a consciência que terá de si próprio enquanto um ser em permanente construção são também pertinentes na constituição identitária desse indivíduo. Tal processo de crescimento e consolidação sociais é mediado por uma série de fatores, sejam eles pessoais, econômicos, sócio-culturais e educacionais.

Os contatos mantidos, as informações recebidas, as decepções e prazeres vivenciados, bem como o conhecimento adquirido no decorrer da vida, entre outros, são fatores que contribuem significativamente para a construção da identidade social do indivíduo. Além disso, ter uma identidade definida é uma necessidade que surge não só por uma cobrança particular do sujeito, mas principalmente pelas exigências da estrutura social.

Assim, compreende-se que “a identidade passa a ser qualificada como identidade pessoal (atributos específicos do indivíduo) e/ou identidade social (atributos que assinalam a pertença a grupos ou categorias)” (JACQUES, 1998, apud LAURENTI & BARROS, 2000), de onde se entende que a delimitação da mesma está sujeita tanto a intenções pessoais quanto a imposições decorrentes do ambiente em que está inserido o indivíduo.

Ademais, o emprego do termo identidade apresenta-se marcado por uma intensa diversidade conceitual, indicando que apesar de um nome tão definitivo, continua sujeito a inúmeras mudanças, o que corresponde de certa forma à variação da própria construção identitária. As diversas influências recebidas durante sua formação, fazem com que a identidade social do indivíduo, invés de estática e acabada, seja reconhecida como um processo contínuo e interminável, sujeito sempre a possíveis alterações.

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Letras Vernáculas pela Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; e-mail: [patriciamedeiros\\_uefs@ig.com.br](mailto:patriciamedeiros_uefs@ig.com.br); autora.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> do Departamento de Letras e Artes da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS; e-mail: [carlaluzia@terra.com.br](mailto:carlaluzia@terra.com.br); orientadora.



Segundo Jacques (1998, citado em LAURENTI & BARROS, 2000), “A importância conferida ao estudo da identidade foi variável ao longo da trajetória do conhecimento humano, acompanhando a relevância atribuída à individualidade e às expressões do eu nos diferentes períodos históricos”, o que leva a crer que tal estudo liga-se diretamente ao desenvolvimento social e pessoal da humanidade em seu decurso histórico.

Segundo Chauí (2000),

Toda cultura e cada sociedade institui uma moral, isto é, valores concernentes ao bem e ao mal, ao permitido e ao proibido, e à conduta correta, válidos para todos os seus membros (...) No entanto, a simples existência da moral não significa a presença explícita de uma ética, entendida como filosofia moral, isto é, uma reflexão que discuta, problematize e interprete o significado dos valores morais. (CHAUÍ, 2000, p. 436)

Portanto, considerando que a sociedade contemporânea ocidental é norteada por valores individuais que visam o capital da mesma maneira em que impõe o que é moralmente correto e cobra pelo que é ético, é fundamental o estudo das consequências dessas cobranças – contraditórias, por assim dizer – na formação da identidade humana.

Direcionado por Fairclough (2001) e fundamentado em seus conceitos de prática social e prática discursiva, o presente trabalho adotou para análise o discurso do escritor regionalista Jorge Amado no romance *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, no intuito de descrever e entender os personagens desta obra como representação do real partir das concepções de identidade e prática discursiva.

É válido dizer que a problemática central do referido romance gira em torno da recusa dos personagens em aceitar a vida (a identidade) que lhes impuseram. Rejeitam o tédio, a rotina do trabalho, a família, etc. Seus objetivos não incluem o bom-senso tão pregado pela conjuntura social. A vida que escolhem, desregrada, boêmia e excêntrica é o oposto do convencional e moralmente correto pregado pela sociedade em que vivem.

## **O SUJEITO, O SOCIAL E O LITERÁRIO**

### **Identidade social: construção ou inerência?**

A identidade pode ser entendida por aquilo que se é, ou seja, pelo conjunto de características e idiosincrasias que constituem a formação do sujeito. Esta mesma identidade pode ser concebida não só por aquilo que o indivíduo reconhece sobre si mesmo, mas também e principalmente por aquilo que a sociedade entende que ele seja ou deva ser, deixando este, portanto, de ser apenas um ser particular com uma “história pessoal”, para ter então uma identidade social.

A trajetória dos indivíduos é marcada por processos de identificação e des-identificação constantes que cooperam juntas e igualmente para o estabelecimento do sujeito enquanto ser social e individual. Tais processos articulam-se em torno da necessidade do indivíduo de pertencer a grupos sociais e seu pertencimento ou não a certos grupos estará sujeito a análises valorativas e comparativas por parte dos mesmos.

Diz Chauí (2000) que



Nossos sentimentos, nossas condutas, nossas ações e nossos comportamentos são modelados pelas condições em que vivemos (família, classe e grupo social, escola, religião, trabalho, circunstâncias políticas, etc.). Somos formados pelos costumes de nossa sociedade, que nos educa para respeitarmos e reproduzirmos os valores propostos por ela como bons e, portanto, como obrigações e deveres. (CHAUÍ, 2000, p.437)

Assim, entende-se que a identidade assumida pelo sujeito será, por essência, heterogênea e multifacetada, uma vez que se configura enquanto o resultado de tensões estabelecidas entre o desejo do indivíduo e as “ordenações” sociais. Hall (1997, p. 53) sustenta que as identidades “não são coisas com as quais nós nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da *representação*”, fortalecendo, assim, a concepção de que pertence à conjuntura social a responsabilidade de criação das identidades.

Ainda para Hall (1997, p.13), a identidade é “formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados e interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam”. Assim, a identificação do sujeito não só está estritamente ligada ao que o grupo social requer que o indivíduo seja, como é, de certo modo, o próprio meio de produção dessa mesma identidade. Em outras palavras, o ser humano não apenas se adequa às exigências sociais, mas é formado, construído e constituído continuamente pelo emaranhado de valores que emanam da estrutura social na qual ele vive.

Por conta disso, construir a própria identidade é um permanente desafio no sentido de encontrar o equilíbrio entre aquilo que se é e o que os outros esperam que se seja, fato este que comprova a importância da alteridade na construção do sujeito. Os contatos estabelecidos, bem como as trocas provenientes desse contato serão exatamente a base para a edificação das identidades dos indivíduos.

A preocupação com a interpretação e com essa tal “interpelação” social a qual Hall (1997) se refere, faz com que estes indivíduos estejam em constantes transformações e “atualizações” de suas identidades, o que nos leva a crer que a identidade dos indivíduos possui características básicas, tais como mutabilidade e, por conseguinte, heterogeneidade (não-unicidade identitária).

Assim, entende-se que identidade social seja

um processo de justaposição na consciência individual, é uma totalidade dinâmica, onde os diferentes elementos interagem na complementaridade ou no conflito, pois o indivíduo tende a defender sua existência e sua visibilidade social, sua integração à comunidade, ao mesmo tempo em que ele se valoriza e busca sua própria coerência (Lipianski in Ruano-Borbalan, 1998, p.144).

Ademais, essa tensão dinâmica e constante entre o individual e o social estabelece-se, sobretudo, numa relação dialógica e complementar um com o outro, servindo sempre como meio colaborador na construção e revisão permanentes das identidades sociais.

### **Práticas discursivas como elemento formador**

Entender a formação identitária do sujeito como processo que se direciona pelos padrões de relações estabelecidos e mantidos por uma sociedade, requer a compreensão de como essas relações se originam, bem como as mesmas se sustentam dentro da estrutura social.

O discurso – entendido como o uso da linguagem em forma de prática social - encontra-se entre os modos de produção e sustentação das estruturas sociais. Para Fairclough (2001), o



discurso é uma prática não apenas de representação do mundo, mas de significação deste, constituindo e construindo o mundo em significado. O autor explica que

ao produzirem seu mundo, as práticas dos membros são moldadas, de forma inconsciente, por estruturas sociais, relações de poder e pela natureza da prática social em que estão envolvidos, cujos marcos delimitadores vão sempre além da produção de sentidos. Assim, seus procedimentos e suas práticas podem ser investidos política e ideologicamente, podendo ser posicionados por eles como sujeitos. (FAIRCLOUGH, 2001, p.100)

Dessa forma, a constituição dos sujeitos, segundo Fairclough, não é vista apenas como produto de um querer individual, mas especialmente como resultado de uma série de fatores discursivos que corroboram para a sua formação.

O autor considera ainda inadmissível a compreensão de *prática social* - efeito do evento discursivo em determinado contexto sócio-cultural – desvinculada de *prática discursiva* – análise dos processos sociais de produção e interpretação dos textos, analisando aspectos sócio-cognitivos da produção e interpretação dos mesmos, bem como o elo de ligação entre as dimensões textuais e prática sócio-cultural.

Ratificando Althusser (1971), Fairclough discorre acerca do poder da ideologia sobre os indivíduos, uma vez que esta funciona pela constituição das pessoas em sujeitos sociais e sua fixação em posições de sujeito, dando-lhes a ilusão de autonomia na gestão de suas escolhas. Sendo assim, entende-se que os sujeitos não só são direcionados pelas circunstâncias, como também geralmente não possuem consciência de seu estado de submissão.

Fairclough entende as ideologias como

significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução ou a transformação das relações de dominação. (FAIRCLOUGH, 2001, p. 117.)

Tais condicionamentos pelos quais passam os indivíduos no percurso de sua formação são interpretados por Pêcheux (1982, citado em Fairclough, 2001: 52) como consequência daquilo que chamou de Formação Discursiva (FD), para ele, “uma formação discursiva é aquilo que em uma dada formação ideológica determina o que pode o que deve ser dito”, melhor dizendo, é aquilo que permite e faz com que o indivíduo tenha determinada identidade social.

Percebe-se, então, pelas colocações de tais autores, que as ações dos sujeitos encaixam-se dentro da dicotomia “poder/dever”, daí diferenciar-se o que pode e o que deve ser *dito*, o que pode e o que deve ser *feito*, o que pode e o que deve ser *pensado*, o que pode e o que deve ser *questionado*, enfim, os sujeitos sociais terão suas escolhas sempre delimitadas a partir dos valores econômico, ideológico e jurídico-político de uma conjuntura social.

Entende-se assim, que a prática discursiva faz-se o resultado da relação dialética que estabelece com as instituições que compõem o sistema social, relação esta que contribui significativamente tanto para a construção das relações sociais entre as pessoas como para a construção das identidades sociais.



## As Mortes De Quincas: Uma Consequência Social

A narrativa do escritor Jorge Amado, *A Morte e a Morte de Quincas Berro D'água*, ambienta-se em Salvador, Bahia, apresenta a história de Joaquim Soares da Cunha, mais conhecido como Quincas Berro D'água, apelido gerado pela reação explosiva e indignada que teve ao ter bebido, por engano, água no lugar de cachaça.

Entretanto, o gosto pela cachaça não veio desde sempre. Dez anos antes do início da narrativa, Quincas era funcionário exemplar da Mesa de Rendas Estadual. Levava uma vida respeitável, mas que lhe era sufocante, graças às pressões de uma formalidade vazia e inútil. O rompimento ocorre quando sua filha, Vanda, anuncia o casamento com Leonardo Barreto, uma reprodução fiel do estilo de vida de Joaquim. Apresentado o rapaz, Joaquim qualifica-o como um "coitado". Inconformado, Joaquim chama o futuro genro de "bestalhão" e sua filha e esposa (tão apegada às etiquetas) de "jararacas" e abandona a família.

Ao sair de casa, transforma-se no Quincas Berro D'água. Decai socialmente, pelo menos aos olhos de uma sociedade moralista, mas encontra sua felicidade em meio à gente da classe baixa, como marinheiros, prostitutas, capoeiristas. Vindo da classe alta e identificando-se com o baixo estrato, acaba-se tornando o "pai da gente", no dizer constante de uma das personagens.

A narrativa inicia-se com a notícia do óbito de Quincas, fato que possibilita a análise do personagem enquanto um ser que varia de identidade, uma vez que a morte nos é apresentada pelo autor da narrativa como símbolo de "purificação" social e moral. Afirmação esta que se evidencia na passagem seguinte:

Quando um homem morre, ele se reintegra em sua respeitabilidade a mais autêntica, mesmo tendo cometido loucuras em sua vida. A morte apaga, com sua mão de ausência, as manchas do passado e a memória do morto fulge como diamante. Essa, a tese da família, aplaudida por vizinhos e amigos. (...) Não compreendiam que Quincas Berro D'água terminara ao exalar o último suspiro? Que ele fora apenas uma invenção do Diabo? Um sonho mau, um pesadelo? (AMADO, 1987, p.12 e 28)

A postura de Quincas Berro D'água, assumida pelo antes respeitado Joaquim Soares da Cunha, causava tanta vergonha à família, que a dor comum pela perda de um ente querido ocorreu na verdade no dia em que o mesmo saiu de casa e assumiu outra identidade, assim, sua morte passou a ser vista pelos parentes de modo positivo e como meio de purificação identitária. Dessa forma, "já poderiam falar de Joaquim Soares da Cunha, louvar-lhe a conduta de funcionário, de esposo e pai, de cidadão, aportar suas virtudes às crianças como exemplo..." (AMADO, 1987: 22).

Essa exigência da família de Quincas para que ele fosse moral e socialmente apresentável remete-nos a discussão de Formação Discursiva apresentada por Pêcheux (1982, apud Fairclough, 2001), a qual se refere justamente à delimitação pela ideologia dominante das ações permitidas a um indivíduo; ou seja, o que os parentes exigem, na verdade, é que ele tivesse um comportamento correto perante a concepção ética e moral da sociedade. A respeito dessa filosofia moral que rege o indivíduo, diz Chauí (2000):

Os costumes, porque são anteriores ao nosso nascimento e formam o tecido da sociedade em que vivemos, são considerados inquestionáveis e quase sagrados (as religiões tendem a mostrá-los como tendo sido ordenados pelos deuses, na origem dos tempos). (...) Em outras palavras, ética e moral referem-se ao conjunto de costumes tradicionais de uma sociedade e que, como tais, são



considerados valores e obrigações para a conduta de seus membros. (CHAUÍ, 2000, p. 437)

Ainda no dizer da autora, saber o que está em nosso poder significa, principalmente, não se deixar arrastar pelas circunstâncias, nem pelos instintos, nem por uma vontade alheia, mas afirmar nossa independência e nossa capacidade de autodeterminação (CHAUÍ, 2000: 439). Dessa forma, entende-se que o que talvez a família de Quincas não compreendesse é que somente após sua saída de casa, juntamente com os amigos e a “nova” respeitabilidade que conseguiu, é que Quincas conseguiu de fato ser alguém com identidade própria e personalidade definida. Como diz Scruton (apud HALL, 2001)

A condição de homem (sic) exige que o indivíduo, embora exista e aja como um ser autônomo, faça isso somente porque ele pode primeiramente identificar a si mesmo como algo mais amplo – como um membro de uma sociedade, grupo, classe, estado ou nação, de algum arranjo, ao qual ele pode até não dar um nome, mas que ele reconhece instintivamente como seu lar. (SCRUTON apud HALL, 2001, p.48)

Entende-se, assim, que Quincas atravessa primeiro um processo de des-identificação, uma vez que passa a não se reconhecer como pertencente aos ambientes que durante tantos anos lhe foram comuns, fato que se evidencia na reação que teve no dia em que foi promovido: “Joaquim ouvia os discursos, apertava as mãos, recebia a caneta sem demonstrar entusiasmo. Como se aquilo o enfiasse e não lhe sobrasse coragem para dizê-lo” (AMADO, 1987: 48), percebe-se aqui o desprezo de Joaquim tanto para com a reputação de bom homem que lhe impuseram, como para as vantagens provenientes de tal renome.

Ademais, Joaquim nunca fora notado, pois a verdade é que só passou a contar na vida de seus parentes no dia que saiu definitivamente de casa, transformando-se em Quincas Berro D’água. Assim, uma vez excluídas de sua vida o âmbito familiar, juntamente com suas obrigações e convenções sociais pré-estabelecidas, Joaquim vai em busca de uma autenticidade identitária, escolhendo o meio marginalizado para o estabelecimento do novo homem que se tornou. Encontrou nesse tipo de ambiente, desfavorecido e sem prestígio social, o reconhecimento que tanto ansiava, aquele não estava atrelado à posição social ou à conta bancária que possuía.

A reação dos novos amigos de Quincas, ao saberem de sua morte, faz-se exemplo da conquista de tal reconhecimento:

Também naquelas casas pobres das mulheres mais baratas, onde vagabundos e malandros, pequenos contrabandistas e marinheiros desembarcados encontravam um lar, família, e o amor nas horas perdidas da noite, após o mercado triste do sexo, quando as fatigadas mulheres ansiavam por um pouco de ternura, a notícia da morte de Quincas Berro D’água foi a desolação e fez correr as lágrimas mais tristes. As mulheres choravam como se houvessem perdido parente próximo e sentiam-se de súbito desamparadas em sua miséria. Algumas somaram suas economias e resolveram comprar as mais belas flores da Bahia para o morto. (AMADO, 1987p. 59)

Tal passagem demonstra o contraste evidente entre a comoção dos amigos e a reação fria e insensível da família, impulsionada apenas pela opinião alheia e representada principalmente pelas atitudes da filha; sobre a postura dessa no velório, o narrador comenta que “Vanda sentiu-se suficientemente comovida e – houvesse mais pessoas no velório – capaz de



chorar um pouco, como é a obrigação de uma boa filha”. Tal atitude fundamenta a visão do narrador de uma família apenas preocupada com sua imagem social.

A morte de Quincas marca o início de sua verdadeira valorização enquanto gente, enquanto ser humano mesmo, uma vez que só agora é louvado e engrandecido pelo que é e não por aquilo que tem. Ademais, só agora Quincas sente-se com identidade própria, o que não exclui as concepções acerca da identidade construída e influenciada pelo grupo social. As influências e delimitações nesse contexto de escolha continuam a existir, bem como as crises poderão ser menos constantes, mas não inexistentes.

Centrando-se no âmbito da modernidade e levando-se em consideração as mudanças surgidas no final do século XX, podemos definir o processo pelo qual o personagem passa por meio da concepção de Hall (2001) sobre a chamada crise de identidade. Para este, essas mudanças estão

Fragmentando as paisagens culturais de classe, gênero, sexualidade, etnia, raça e nacionalidade (...). Estas transformações estão também mudando nossas identidades pessoais, abalando a ideia que temos de nós próprios como sujeitos integrados. (...) Esse duplo deslocamento – descentração dos indivíduos tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmos – constitui uma “crise de identidade para o indivíduo. (HALL, 2001, p.9)

Para Kobena Mercer (1990 apud HALL, 2001), “a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. É o que ocorre com Joaquim Soares da Cunha. Tal personagem depara-se com a consciência de uma vida que, apesar de estável e sólida, é vazia e sem sentido, entrando num processo de questionamento e, logo após, negação do seu modo de viver.

Assim, os codinomes recebidos após tornar-se o famoso Quincas Berro D’água, tais como “Rei dos vagabundos da Bahia”, “cachaceiro-mor de Salvador”, “o filósofo esfarrapado da rampa do mercado”, “o senador das gafieiras”, “o vagabundo por excelência” (AMADO 1987: 46), entre outros, são expressões que sintetizam os porquês da vergonha da família e o que justificaria, após sua morte, as ações da mesma para esconder a realidade vivida pelo personagem central durante dez anos.

Tal tentativa amenizadora é percebida no trecho em que Vanda demonstra profundo regozijo ao olhar o pai morto, porém transformado, dentro do caixão. Nesse momento, ela sente-se feliz tanto por parecer estar frente a frente com o seu “antigo” e “verdadeiro” pai, como por vê-lo em condições de refinamento social.

“Penteado, barbeado, vestido de negro, camisa alva e gravata, sapatos lustrosos, era realmente Joaquim Soares da Cunha quem descansava no caixão funerário (...). Mas agora sentia-se contente: olhando o cadáver no caixão quase luxuoso, de roupa negra e mãos cruzadas no peito, numa atitude devota compunção. As chamas das velas elevavam-se, faziam brilhar os sapatos novos. Tudo decente (...).”(AMADO, 1987, p. 45 e 46)

Essa mudança sofrida por Quincas é de tal forma que os que o conheciam constatavam: “nem parecia o mesmo morto”. Nem mesmo os amigos de Quincas conseguiram o reconhecer de imediato, tal era a transformação em sua aparência:



Deu um passo para dentro, os outros o acompanharam. A família afastou-se, eles rodearam o caixão. Curió chegou a pensar num engano, aquele morto não era Quincas Berro D'água. Só o reconheceu pelo sorriso. Estavam surpreendidos os quatro, nunca poderiam imaginar Quincas tão limpo e elegante, tão bem vestido. (AMADO, 1987, p. 73, 74)

Apesar do susto dos amigos ao verem Quincas daquela maneira, não demoraram também a perceber o quanto aquele lugar onde estava o morto encontrava-se vazio e muito pouco honroso para alguém com tamanha respeitabilidade como era Berro D'água. Afinal, pensara a família, “para que levar o defunto para casa? Para que convidar vizinhos e amigos, incomodar um bocado de gente? Só para que todos eles ficassem recordando as loucuras do finado?... Para expor a vergonha da família ante todo mundo?” (AMADO, 1987: 36).

Ao cuidarem para que o defunto tivesse um melhor trato, os amigos descobrem aquilo que seria o ponto alto da narrativa: Quincas não está morto (AMADO: 1987: 95). Entrou em coma alcoólico propositalmente para assustar os familiares e, como estes estavam tão alvoroçados para que tal acontecimento fosse verdade, não se preocuparam em chamar um médico capacitado ou leva-lo ao hospital para se certificarem do ocorrido. Tudo o que queriam era se livrar de uma vez por todas da vergonha da família.

Tudo não passou da derradeira prenda de Quincas para sua família – uma vez que após confessar estar vivo, faz sua última farra com os amigos e lança-se ao mar. A última, mas a mais bem elaborada, aquela pela qual ele mostraria a todos o quão falsa, mesquinha e fútil era a identidade assumida pelos seus familiares. Além do mais, a pretensão de Quincas não apenas a de expor o estilo de vida vazio de sua família, mas era, sobretudo, de demonstrá-lo enquanto representação fiel da mediocridade social vivida pela maioria das pessoas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, entende-se a obra *A Morte e a morte de Quincas Berro D'água*, do escritor baiano Jorge Amado, como uma representação literária da teoria identitária, bem como uma fonte de estudo para as análises discursivas dos personagens que compõem a obra. Seu enredo, personagens e ambiente permitem uma análise sócio-discursiva na compreensão da formação e desenvolvimento da identidade dos sujeitos.

Ao se reconhecer que não pertence mais ao ambiente familiar, bem como ao decidir mudar radicalmente de vida, Joaquim Soares da Cunha, apresentado de início como um indivíduo valoroso e respeitável perante o entendimento da sociedade, encaixa-se na situação de profunda crise identitária, uma vez que perpassa um processo de questionamento e negação de sua postura social.

Assim, entendendo que o personagem central possui um comportamento possível dentro da conjuntura social, fundamenta-se a teoria de que as identidades dos indivíduos são heterogêneas e multifacetadas, uma vez que, a depender do ambiente no qual são inseridos, são passíveis de variações constantes em suas estruturas pessoais e sócio-culturais.

As ações dos personagens da obra são expostas como resultados do que se poderia chamar de práticas discursivas, as quais são constituídas e transformadas socialmente e na medida em que se entendem os discursos enquanto formadores da significação que os indivíduos fazem sobre o mundo.

Portanto, há de se considerar o estudo de tal obra como de fundamental importância para as questões e conceitos supracitados, assim como a sua análise servirá para que o entendimento



da identidade e formação dos sujeitos ocorra de maneira intertextual – por meio da interrelação conceitual – e contextualizada, uma vez que concebe o sujeito como pertencente a determinado grupo sócio-cultural.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge. **A morte e a morte de Quincas Berro D'água**: Romance; ilustrações de Floriano Teixeira. 60º ed. Rio de Janeiro: Record, 1987. 103p.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. Ed. Ática, São Paulo, 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, 2001. 316p.

HALL, S. **Identidades culturais na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

KOPITTKE, Bruno, MACHADO, Hilka Vier. **A Identidade no Contexto Organizacional: Perspectivas Múltiplas de Estudo**. In: Encontro de Estudos Organizacionais, 2002, Recife. **Anais**. Recife: Observatório da Realidade Organizacional: PROPAD/UFPE : ANPAD, 2002. 1 CD.

LAURENTI, Carolina & Mari Nilza Ferrari de Barros. **Identidade: Questões conceituais e contextuais** In Revista de psicologia social e institucional, Universidade Estadual de Londrina, Vol.2, N°1 Jun.2000 disponível em <http://www2.uel.br/ccb/psicologia/revista/textov2n13.htm>. Acesso em 10 de Abril de 2009.